A NOÇÃO DA HISTÓRIA COMO CIÊNCIA E A UTILIZAÇÃO DE IMAGENS NA SALA DE AULA

Dayane Cristina Lemes[*]
Edson Moreira Guimarães Neto[**]

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar a defesa da utilização de imagens como ferramenta didática na prática pedagógica da disciplina História. Nosso estudo se iniciará com uma breve revisão da História enquanto ciência e disciplina. Em seguida, apresentaremos uma discussão acerca da importância das imagens enquanto documentos históricos. Por fim, apresentaremos uma metodologia para a leitura de imagens e a sua transposição para a prática de ensino em História.

PALAVRAS-CHAVE**:** Ensino; História; Imagens

ABSTRACT

This paper aims to present a defense of the use of images as a didactic tool in teaching practice of the discipline History. Our study will begin with a brief review of history as a science and discipline. Then, we present a discussion about the importance of images as historical documents. Finally, we present a methodology for reading images and their transposition into the practice of teaching history.

KEYWORDS: Teaching; History; Images

[*] Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco.
[**] Mestre em História Comparada pelo PPGHC- UFRJ. Doutorando em História Comparada pelo PPGHC-UFRJ. Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

A palavra história se originou a partir das investigações de um estudioso que viveu na Grécia Clássica (século V a.C.) chamado Heródoto, sendo que este termo em grego antigo é Ἱστορίαι (Historíai) e pode ser traduzido como perguntas ou investigações.

Atualmente, a História é considerada como a ciência humana que tem como objeto central de seus estudos o desenvolvimento do homem ao longo do tempo. Para tanto, ela analisa os processos históricos, personagens e fatos com o objetivo de compreender um determinado período histórico, cultura ou civilização. Essa ciência busca resgatar os aspectos culturais de um determinado povo ou região para o entendimento do seu processo de desenvolvimento. Desta forma, podemos concluir que, na ótica do estudioso da História, entender o passado também é importante para a compreensão do presente.

O historiador é o profissional que pesquisa o passado humano em diversos de seus aspectos: economia, sociedade, cultura, ideias e cotidiano. Este profissional investiga e interpreta criticamente os acontecimentos, tentando resgatar a memória de cada sociedade e ampliar a compreensão da condição humana. Seu trabalho tem como bases principais a pesquisa de documentos tais como manuscritos, impressos, gravações, filmes, objetos, fotos, pinturas, etc.. Depois de selecionar, classificar e relacionar os dados levantados em bibliotecas, arquivos, entrevistas ou estudos arqueológicos, o estudioso da História data o fato ou o objeto, confere autenticidade e analisa sua importância e seu significado para a compreensão do encadeamento dos acontecimentos.

Quem faz a história, de fato, é o homem, pois ele a vive, escreve, registra e reproduz para as futuras gerações através de textos, imagens, monumentos e de sua própria existência individual e em grupo (sociedade). Por isso, os registros de memória produzidos por uma sociedade podem ser chamados de **documentos** ou **fontes históricas**, estando estas divididas em duas principais categorias: **escritas**: documentos oficiais, livros, leis, revistas, jornais, cartas, outdoors, poemas, etc.; **não**

escritas: monumentos, obras de arte, fotografias, músicas, cantigas, lendas, arquitetura, propagandas, vestuário, tradição oral, etc...

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA EDUCAÇÃO

No mundo escolar, os conteúdos relacionados a uma determinada disciplina têm relação direta com as formas de apresentação de certos saberes, que podem ser transmitidos por escrito, pela oralidade, via debates, atividades em grupo, peças teatrais, entre outros. Um tema que domina grande parte dos debates acadêmicos da educação é a renovação de metodologias de ensino, buscando alcançar a melhor articulação possível entre método e conteúdo.

Para tanto, o educador não deveria se alienar da realidade do mundo atual, buscando refúgio nos mais recônditos recantos de técnicas tradicionalistas. O que queremos dizer é que a realidade contemporânea oferece uma série de recursos que não devem ser desprezados, mas, pelo contrário, explorados para que o processo ensino aprendizagem caminhe lado a lado com a linguagem "midiática" vivenciada pelos alunos.

Devemos levar em conta que jovens e crianças pertencem a uma "cultura da imagem", que se põe em constante desafio à necessidade de dominar uma cultura letrada. Uma série de estudos informa que as novas formas de apreensão do conhecimento acontecem através da alternância entre a oralidade, os sons e o visual, o que, de certa maneira, coloca a informação proporcionada pela linguagem escrita em um segundo plano (BITTENCOURT, 2004, p.107-8).

Dentro desse contexto, Circe Bittencourt afirma que o professor de História de deve ter autonomia sobre seu trabalho pedagógico, fundamentado no **construtivismo** e no respeito ao aluno como sujeito ativo no processo educativo (BITTENCOURT, 2004, p.111-2).[1]

[1] Nesse sentido, cabe ressaltar que os conhecimentos prévios, obtidos pelas experiências vivenciadas pelo aluno devem ser aceitos como elementos capazes de contribuir para o processo de apreensão dos conteúdos da disciplina e, portanto, devem ser integrados ao mesmo.

A HISTÓRIA E OS TEXTOS IMAGÉTICOS

Refletindo acerca das civilizações do passado, podemos dizer que diversas delas contavam histórias de vários tipos onde as imagens verbais e pictóricas se constituíam em espelhos da sociedade, refletindo as opiniões de seus autores a respeito do cotidiano em que viviam. Nossos antepassados nos deixaram documentos de naturezas diferentes: textos de diversos gêneros literários, esculturas, esquemas de composições arquitetônicas variadas, imagens em suporte cerâmico e uma variedade de objetos de uso cotidiano que permitem ao historiador levantar problemas em relação aos valores, às práticas, às tensões e aos conflitos sociais próprios da estrutura daquelas sociedades (THEML, 1998, p.309).

As imagens, assim como os textos escritos, se constituem em discurso. Por isso, devemos considerá-las como relatos parciais da realidade, portanto ora podem elucidar determinadas situações obliteradas nos textos escritos, ora podem nos apresentar cenas ambíguas que sozinhas nada de concreto informam, como veremos ao longo do trabalho. Consideramos, desta forma, que é necessário procurar olhá-las com os olhos do povo que as produziu, todavia levando sempre em conta que esses olhos enxergavam e sofriam influências de todo o panorama que os rodeava.[2] Nesse sentido, podemos lançar mão das palavras de Mary Beard quando esta afirma que:

> Aprender a olhar é tão vital como aprender a ler. [...] Poder, prestígio, crenças religiosas, política, história, orgulho nacional são todos expressados em símbolos visuais [...] Se não podemos entender as imagens da sociedade, não podemos entender a própria sociedade. (BEARD, 2000, p.14)

A iconografia não só completa e enriquece as informações contidas na tradição literária, como, além disso, transporta significados, dados e fatos culturais que não se evidenciam nos documentos escritos (CERQUEIRA, 2000, p.86). O trabalho com documentos de naturezas diversas nos possibilita demonstrar a heterogeneidade das

[2] Nesse sentido, podemos tomar como exemplo a opinião de Robert Sutton Jr. que defende que as imagens nos vasos áticos (principalmente as com cenas tratando da vida cotidiana) moldaram ativamente a opinião popular, mediando a relação entre a psicologia individual e o senso de identidade grupal (dêmos), tornando possível a democracia radical da Atenas do século V a.C. (SUTTON Jr., 1992, p.6-7).

informações, além de acentuarem as recorrências ou repetições, nos possibilitando perceber o não-dito (BUXTON, 1996, p.132; LESSA, 2004, p.23).

Se valorizarmos os aspectos socioculturais e a formação do imaginário da sociedade que estudamos, notaremos que a iconografia pode, além de "completar e enriquecer as informações aportadas pela tradição literária", fornecer significados, fatos e dados que não estão presentes nos documentos escritos (CERQUEIRA, 2000, p.86).

A interpretação das imagens provoca o despertar de novos problemas. Seus produtores foram influenciados pelas tradições gráficas, pela limitação das técnicas disponíveis, pelas convenções sociais, além de outros fatores (KEULS, 1993, p.3). A imagem não se basta por si mesma, ela faz parte de uma rede de comunicação em que intervêm o autor e o receptor (LISSARRAGUE, 1993, p.260-2 e 268).

Como documentação histórica, as imagens têm a vantagem de vir diretamente do seu período, sem sofrer as modificações que os textos literários sofrem, inevitavelmente, ao longo do tempo. Por tudo isso, devemos levar em conta que a leitura das imagens não é uma ação automática, uma vez que estas são resultado das construções socioculturais de um povo. Assim como pontuações ou a simples mudança da ordem de palavras podem alterar o significado de um texto, a presença ou ausência de algum signo imagético não ocorre ao acaso, é resultado de escolhas deliberadas, fazem parte da mensagem construída em um texto pictórico.

ANÁLISE DE IMAGENS

Para analisarmos uma imagem, devemos compreender como e porque foi produzida, qual o seu contexto social de uso e qual o significado que possuía para a sua cultura de origem e não para a nossa. Devemos aprender a olhá-la com os olhos de quem a produziu. Para tanto, devemos tomar como base algum tipo de método, e, nesse sentido, consideramos a aplicação do método de leitura isotópica o método de análise documental isotópica, adaptado por Ciro Flamarion Cardoso para pesquisas historiográficas (CARDOSO, 1997). Este método pressupõe, segundo o autor, o cumprimento de três etapas que nos propomos a seguir, que são: 1) num primeiro momento, a comparação entre as partes que compõem - escrito ou imagético - permite que se evidenciem suas categorias sêmicas (de significação) subjacentes; 2) depois,

isolam-se as categorias sêmicas que são recorrentes no documento analisado: estas são as categorias isotópicas; Assim, as categorias isotópicas são os elementos de significados recorrentes, redundantes, repetitivos e que são subjacentes à coerência da produção; 3) finalmente, tais categorias isotópicas são distribuídas em três níveis: figurativo, temático e axiológico (CARDOSO, 1997, p.174).

O nível figurativo (ou pictórico) se constitui em um significado possível de ser correlacionado em forma direta a um dos cinco sentidos e que pareça ligado ao mundo exterior ao texto.

O nível temático é representado pelo tema a que se referem o nível figurativo e axiológico.

O nível axiológico está vinculado ao sistema de valores: éticos, estéticos, religiosos ou quaisquer outros que os conteúdos dos textos manifestem. Ao atingirmos esse nível estaremos observando os elementos euforizados (exaltados positivamente), disforizados (destacados de forma negativa) e aforizados (representados de forma neutra).

DO MÉTODO À PRÁTICA PEDAGÓGICA

O método de leitura/análise deve ser dominado pelo professor, mas sua transposição para a sala de aula deve ser mediada por uma linguagem palatável aos alunos. Em outras palavras, ao apresentar a imagem o professor deve trazer a análise da imagem pronta e a prática pedagógica se iniciará ao desconstrui-la junto aos alunos, fazer com que eles assimilem os discursos de outra sociedade, fazendo-os compreender que se tornam imperceptíveis se olharem para ela com os olhos da sociedade em que eles vivem. Podemos exemplificar essa prática pedagógica através de uma temática como a **nudez**, pois, ao historicizarmos este elemento, podemos percebê-lo de maneira bem distinta daquela que se poderia pensar antes de sua problematização.

Provavelmente os alunos, sobretudo os do Ensino Médio, já devem ter se deparado, ao estudar a Grécia Antiga, com a famosa estátua grega popularmente

conhecida como o “Discóbulo de Míron”, em que um jovem atleta nu se prepara para arremessar o disco. Para um observador comum, o elemento que se destaca em cena é a nudez do rapaz, o que poderia remeter a um caráter de apelo erótico – por colocar em evidência um corpo jovem e belo. Contudo, podemos argumentar junto aos alunos, que na Atenas Clássica (séculos V e IV a.C.), esta imagem poderia se identificar com um discurso elitista produzido pelos **kaloí kagathoi** (belos e bons), em que o jovem atleta representaria um membro da aristocracia ateniense se dedicando plenamente ao exercício da cidadania.[3]

Ao estudarem a Revolução Francesa e outras revoltas que aconteceram no mundo após ela, os alunos se depararão com uma imagem de grande importância e com vários signos a serem analisados e interpretados. Estamos falando de “A Liberdade Guiando o Povo”, tela icônica do pintor francês Delacroix. A um primeiro olhar, o que percebemos é a presença de uma jovem armada, portando uma bandeira, com um dos seios a mostra, acompanhada por diversos homens armados. A interpretação da cena remete a uma ambiguidade, pois a única coisa que fica evidente é que a nudez parcial da personagem feminina não é acidental.

Em uma análise embasada no contexto histórico de produção da imagem, podemos destacar a presença da bandeira como preponderante uma vez que ela evoca os princípios iluministas da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) e se tornaria a bandeira nacional daquele país. Além disso, é preciso entender que a personagem feminina não é uma mulher de verdade, mas a incorporação de uma alegoria conhecida como Mariane, que representa a terra mãe de todos os franceses, evidenciando que o seio à mostra não tem qualquer relação com apelo erótico, mas que estão prontos para alimentar seus filhos famintos por liberdade.

A desconstrução das imagens junto aos alunos ajudará a fazê-los compreender que, ao longo da História, a partir do momento em que uma sociedade/comunidade torna-se, por assim dizer, vestida[4] a nudez passa a ter um caráter especial (SÁNCHEZ, 2005, p.19). Assim, o corpo nu adquire um status de marcador identitário étnico e

[3] Os aristocratas teriam tempo de frequentar diariamente as assembleias assim como de praticar atividades físicas, sendo portanto potencialmente melhores políticos e melhores soldados. Esse discurso serviria para justificar uma liderança diante daqueles indivíduos que precisavam trabalhar, ou seja, os mais pobres – a maioria da população.
[4] Uma vez que a utilização de vestimentas torna-se um hábito da vida cotidiana passa a ser *naturalizada*.

social, fazendo com que a manipulação das características corporais converta-se em um fenômeno cultural importante na inclusão ou alienação dos indivíduos a determinados grupos em cada sociedade (REISCHER; KOO, 2004, p.297). Em tais sociedades, a nudez pode adquirir um caráter de indumentária/vestimenta diferenciando sexos, grupos sociais e etnias (BONFANTE, 1989, p.544; SÁNCHEZ, 2005, p.20).

CONCLUSÃO

Após apresentarmos todos esses dados, consideramos ficar clara a importância do uso de imagens na prática pedagógica da disciplina História, pois, além de ser um caminho para a dinamização e o aprofundamento do processo ensino aprendizagem, ele também contribui para desconstruir alguns discursos canônicos (já ultrapassados) e elucidar a proposição de novas interpretações.

Percebeu-se, também, que a análise da iconografia, usada para aprimorar e desenvolver o conhecimento é uma alternativa para motivar o aluno a estudar não apenas história mas o ensino de forma geral. Salientamos a importância do professor não usar as imagens apenas como ilustração, mas como um recurso privilegiado da disciplina. A iconografia ganha novo significado quando usada como documentação histórica de pesquisa.

Defendemos ainda que a utilização de imagens, assim como de outros recursos que vão além da técnica de exposição oral do conteúdo e textos escritos, podem contribuir para que os alunos entendam a inter-relação que existe entre as disciplinas que compõem o currículo escolar (que não foi construído de maneira aleatória) e destas com as práticas vivenciadas na vida cotidiana (exterior aos muros da escola). Aproximar o aluno do entendimento do porquê ele estuda determinados conteúdos e qual a relação dos mesmos com o mundo “real” vivenciado o dia a dia pode ser um passo importante para o despertar do interesse em sala de aula, que, consequentemente, pode ser um catalizador para o aprofundamento e qualificação do processo ensino aprendizagem.

Acreditamos estarmos passando por um momento de desafios impostos às escolas e que é de grande urgência incorporarmos essa prática pedagógica em nossas aulas. Fazer com que nossos alunos deixem de ser estudantes passivos e passem a ser estudantes pesquisadores e ativos, compreendendo que o mundo em que vivem e aquele que estudam são o mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEARD, M. Adopting an approach II In: RASMUSSEN, T.; SPIVEY, N. (Org.). **Looking at Greek Vases**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p.12-36.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BONFANTE, L. Nudity as a Costume in Classical Art. **American Journal of Archeology**, v.93, n.4, p.543-70, 1989.

BURKE, P. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

BUXTON, R. **La Grèce de Imaginaire, les Contextes de la Mithologie**. Paris: Édition la Découverte, 1996.

CARDOSO, C. F. S. **Narrativa, Sentido, História**. Campinas: Papirus, 1997.

CERQUEIRA, F. V. A iconografía dos vasos gregos antigos como fonte histórica. **História em Revista**. Pelotas: v.6, p.85-96, 2000.

KEULS, E. C. **The Reign of Phallus: Sexual Politics in Acient Athens**. California: University of California Press, 1993.

LESSA, F. S. **O Feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

REISCHER, E.; KOO, K. S. The Body Beautiful: symbolism and agency in the social world. **Annual Review of Anthropology**, v.33, p.297-317, 2004.

SÁNCHEZ, C. **Arte y erotismo en el mundo clásico**. Madrid: Ediciones Siruela, 2005.

SUTTON Jr., R. Pornography and Persuasion on Attic Pottery In: RICHILIN, A. **Pornography and Representation in Greece and Rome**. New York, Oxford: Oxford University Press, 1992, p.3-35.

THEML, N. Ordem e Transgressão do Corpo nos Vasos Atenienses. In: SILVA, F. C. T. (Org.). **História e Imagem**. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 1998a, p.305-20.